



CLÁUDIA PEREIRA

Bacharel em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com pós-graduação em Antropologia pela UNB. Em 1981, associou-se à Candango Promoções Artísticas através da qual produziu, dirigiu, roteirizou e atuou em filmes, peças teatrais e shows musicais. Em 1991, fundou a Gabinete C, agência de propaganda que este ano comemora 22 anos criando campanhas publicitárias premiadas e consolidando marcas fortes.

cpereira@brasiliaemdia.com.br

VOCÊ JÁ
OUVIU FALAR
EM SERENDIP?

É UM CONTO
ANCESTRAL
E FALA DA
IMPORTÂNCIA
DE ENCONTRAR
SOLUÇÕES
PARA DILEMAS
IMPENSADOS.

A HISTÓRIA
É PERSA, E
CHEGOU AO
OCIDENTE
PARTIR DO
SÉCULO XIV.

E EM 1754, HORACE
WALPOLE CRIOU
O CONCEITO
SERENDIPISMO PARA
EXPLICAR AS DES-
COBERTAS AFORTU-
NADAS OCORRIDAS
AO ACASO.



Fontes: Bolivar Torres, in: O Globo, 15 3 2014; site Fabula – La Recherche en Littérature; Jairo Siqueira, in: site Criatividade Aplicada.

SERENDIP Você já ouviu falar em Serendip? Pois é: esta é uma palavra de múltiplas funções. Pode ser um jogo, um filme, um país, uma eterna descoberta. A história de Serendip é ancestral. Começou na Pérsia a partir de um conto infantil que narra as aventuras de três príncipes de Serendip – antigo Ceilão e atual Sri Lanka. O conto relata as descobertas inesperadas dos jovens príncipes. Descobertas que resultaram da capacidade de observação e sagacidade para encontrar soluções para dilemas impensados.

CONTO PERSA Tudo começou com um grande e poderoso rei chamado Giaffer. Pai de três filhos muito amados, Giaffer entendia que um bom pai deveria se preocupar com a educação dos filhos. Ele queria seus príncipes preparados não apenas para o exercício do poder, mas principalmente para atitudes virtuosas. Assim, o pai buscou os melhores tutores do reino e os príncipes foram educados em artes e ciências. Apesar da alta educação recebida pelos filhos, o rei entendeu que eles tinham uma vida cheia de privilégios e proteção e enviou-os para terras distantes onde pudessem vivenciar seus conhecimentos em outras culturas. E assim os príncipes saíram pelo mundo observando e interpretando a vida ao redor e experimentando desafios e descobertas.

SAGACIDADE A história chegou ao Ocidente partir do século XIV. Sua primeira versão foi em francês. Posteriormente, foi incorporada pela língua inglesa e chegou à Itália pelas mãos de Christopher Armino. O fascínio exercido pela história dos príncipes de Serendip tem suas razões. Ela fala da capacidade de descobrir acidentalmente dilemas impensados, a partir da capacidade de observação e sagacidade. Uma combinação de atitudes que inspirou e inspira, até hoje, a ciência, a filosofia e a criatividade humanas.

MÉTODO Voltaire escreveu, em 1747, a novela Zadis adaptando a história dos príncipes de Serendi, um texto que criou um método de observação e inspirou T.H. Huxley, Edgar Allan Poe e Arthur Conan Doyle. Pasteur afirmou que “o acaso só favorece a mente preparada” e escritor inglês Horace Walpole criou, em 1754, o conceito Serendipismo para explicar as descobertas afortunadas ocorridas ao acaso, entre elas a penicilina, de Alexander Fleming.

APROVEITAR IMPREVISTOS A história da ciência está repleta de serendipismos. Descobertas que mostram a importância da habilidade mental em reconhecer e aproveitar os imprevistos que revelam grandes oportunidades de inovação. Serendipity consiste em transformar nossa sorte em descobertas valiosas. É a capacidade de perceber e tirar proveito de um evento fortuito e promissor e requer conhecimento e uma mente aberta e flexível. Atualmente, o conceito de serendipismo sinaliza certo tipo de criatividade, um processo que alia perseverança, inteligência e senso de observação.

OPORTUNIDADES Para desenvolver a capacidade de perceber e tirar proveito das oportunidades que surgem inesperadamente, é preciso cultivar habilidades e atitudes que estão ligadas à criatividade. Quem vê apenas o que é esperado não fará descobertas. Lamentavelmente, vivemos numa era que nos aprisiona na imposição de sermos eficientes e produtivos. Nosso tempo é dedicado exclusivamente a atividades sem riscos e com exigência de retorno imediato.

ACASO Atualmente, não existe espaço para a Serendipidade, este estado de espírito aberto à experiência, à curiosidade e ao acaso. Um estado de espírito que ao longo de séculos esteve na origem dos grandes eventos históricos, como a descoberta da América por Colombo e tantas outras importantes conquistas da humanidade.

SYLVIE CATELLIN Nossa sociedade hoje é demasiadamente controlada e programada. Perdemos a capacidade de nos deixar levar pelo acaso, seja na pesquisa científica, nas relações sociais e até mesmo na internet, onde os caminhos do hipertexto se encontram ameaçados. Dentro dessa tendência, a professora de ciência, cultura e comunicação, Sylvie Catellin, da Universidade de Versailles-Saint-Quentin-em-Yveline, lançou o livro “Serendipidade: do conto ao conceito”.

DITADURA DA RENTABILIDADE Segundo a pesquisadora Sylvie, “(...) vivemos uma ditadura do número, da rentabilidade, dos modelos fechados (...) talvez, por isso mesmo, o resgate do conceito de serendipidade seja uma resposta a este mal-estar contemporâneo”. A professora Catellin nos lembra que as grandes descobertas tiveram em seu processo de origem a serendipidade. Ela diz ainda que “(...) nunca sabemos exatamente onde é preciso pesquisar. E isso mostra que não podemos programar as descobertas”.

ILUSÃO A própria lógica do mundo contemporâneo, dividida em nichos e grupos de afinidade, não promove o espírito explorador. Vivemos fragmentados em guetos sociais, culturais e econômicos tanto nas cidades quanto na internet. Os sistemas de pesquisa, os aplicativos para celular e os filtros das redes sociais nos submetem a uma ilusão de estarmos no caminho certo e seguro.

PROGRESSO E REGRESSÃO Para Sylvie Catellin, o progresso traz junto uma regressão. Ela lembra ainda que não é a técnica em si que nos desumaniza, e sim a maneira como a usamos. O importante, ela diz, “(...) é que a técnica não nos simplifique, não nos coloque em padrões e números. Por isso, a serendipidade é um chamado para a liberdade e a desprogramação”.